REVISTA ACADÊMICA DA Faculdade Canção Nova

ISSN 3085-8291 v. 1 | n. 1 | 2025

SOCIEDADE E CULTURA: AS TROPAS COMO FATOR HISTÓRICO-CULTURAL NO CAMINHO VELHO DO OURO – EIXO PARATY-CUNHA-GUARATINGUETÁ

Henrique Alckmin Prudente
Doutor em Ciências pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo.

RESUMO

As tropas, assim como elementos da cultura tropeira, configuram-se como objetos de estudo tratados pela disciplina Sociedade e Cultura, componente curricular institucionalizado em cursos de graduação da Faculdade Canção Nova. O Caminho Velho do Ouro, no trecho entre Paraty-RJ, Cunha-SP e Guaratinguetá-SP, assim como antigas trilhas utilizadas pelos povos autóctones, consistiu em ligação estruturante entre o litoral e o médio Vale do Paraíba desde o fim do Século XVI até meados do Século XX. Este artigo objetiva apresentar as tropas, dentro do contexto geográfico deste eixo, como fatores histórico-culturais, ancorando tanto iniciativas pedagógicas, contribuindo para o estudo do Brasil Colonial, como para a compreensão da identidade cultural de lugares potencializando o Turismo Regional, fator social inserido na contemporaneidade. A pesquisa está metodologicamente amparada em fundamentações teóricas, sobretudo quanto ao conceito de identidade cultural, trazendo contribuições de pesquisadores e aportes através de experiências e de trabalhos de campo realizados pelo autor.

Palavras-chave: Brasil Colonial; Estrada Real; História do Brasil; Patrimônio Cultural; Turismo Regional.

ABSTRACT

The troops, as well as elements of tropeira culture, are configured as objects of study treated by the subject Society and Culture, a curricular component institutionalized in undergraduate courses at Faculdade Canção Nova. The Caminho Velho do Ouro, in the stretch between Paraty-RJ, Cunha-SP and Guaratinguetá-SP, as well as ancient trails used by indigenous peoples, consisted of a structuring link between the coast and the middle Paraíba Valley from the end of the 16th century until mid 20th century. This article aims to present the troops, within the geographical context of this axis, as historical-cultural factors, anchoring both pedagogical initiatives, contributing to the study of Colonial Brazil, and to the understanding of the cultural identity of places, enhancing Regional Tourism, a social factor inserted in contemporary times. The research is methodologically supported by theoretical foundations, especially regarding the concept of cultural identity, bringing contributions from researchers and contributions through experiences and fieldwork carried out by the author.

Keywords: Colonial Brazil; Cultural Heritage; History of Brazil; Regional Tourism; Royal Road.

REVISTA ACADÊMICA DA Faculdade Canção Nova

ISSN 3085-8291 v. 1 | n. 1 | 2025

SOCIEDADE E CULTURA: AS TROPAS COMO FATOR HISTÓRICO-CULTURAL NO CAMINHO VELHO DO OURO – EIXO PARATY-CUNHA-GUARATINGUETÁ

Henrique Alckmin Prudente
Doutor em Ciências pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo.

1. INTRODUÇÃO

A disciplina Sociedade e Cultura, componente curricular adotado institucionalmente em cursos de graduação da Faculdade Canção Nova, visa a compreensão da sociedade com ênfase em fatos sociais, categoria de análise minuciosamente levada à tona pelo sociólogo francês Émile Durkheim na obra Les Règles de La Mèthode Sociologique publicada em 1875. Na fase inicial deste componente curricular a abordagem teórica está estruturada em duas exposições iniciais pelo docente: uma voltada à compreensão da problemática antropológica, embasada em elaborações do antropólogo alemão Franz Boas, e a exposição seguinte através da entrada do tema cultura, investida que é fundamentada em Néstor Garcia Canclini e outros autores. Neste momento é oportunizada a discussão do tropeirismo como fator de identidade cultural e histórica com destaque para o eixo Paraty-Cunha-Guaratinguetá. Tal eixo é fundamental para o estudo da primeira grande expedição, rumo à lendária Serra de Sabarabuçu com vistas ao El Dorado, efetivando as iniciativas da Coroa Portuguesa para ocupação e exploração dos territórios coloniais. A célebre empreitada foi protagonizada por Martim Correia de Sá da Costa, membro da Casa Real Portuguesa e Comendador da Ordem de Cristo, em 1596, partindo de Paraty. Esta abordagem se faz necessária em virtude da contextualização dos temas previstos em Plano de Ensino da disciplina Sociedade e Cultura para uma temática regional, mais concreta e presente na realidade do perfil do discente dos cursos de graduação. Tais referências permitem ao discente elaborar junções entre o aporte teórico e a concretude de fatos sociais e, concomitantemente, fatos históricos dentro de área de abrangência da Faculdade Canção Nova.

Os caminhos de tropas, que desencadearam mudanças na configuração urbana em parcela significativa do território brasileiro, consistiram-se em processos sociais ancorados historicamente no meio natural-material e no desenvolvimento de atividades econômicas, contribuindo para o aparecimento de estabelecimentos estratégicos como: casas de registro, hospedarias, pousos e ranchos. Tais logradouros fomentaram o aparecimento de povoados e vilas, sobretudo no Centro Sul do Brasil, a partir de meados do Século XVII, dado o desfecho da questão Monsanto-Vimieiro, trazida pelo pesquisador José Luiz Pasin (1977) e também por João José de Oliveira Veloso (2010). A contenda envolvia disputas territoriais entre o Conde de Monsanto e a Condessa de Vimieiro com o litígio encerrado em 1620 pelo governador geral do Brasil, Dom Luiz de Souza. O episódio fomentou a ocupação das terras valeparaibanas, que ficaram sob a guarda da Condessa de Vimieiro, o que culminou com a fundação da Vila de São Francisco das Chagas de Taubaté, em 1645, pelo capitão Jacques Félix, tornando-se importante núcleo irradiador de bandeiras e de expedições sertão adentro. Em 1651 era fundada a Vila de Santo Antônio de Guaratinguetá pelo capitão Domingos Luís Leme com o erguimento do pelourinho e instalação de Casa da Câmara.

Em abordagens da disciplina Sociedade e Cultura, as tropas e o tropeirismo são temas trazidos à tona no momento da segunda exposição, conforme apontado anteriormente, dentro da cadência da disciplina: no momento em que são tratados temas voltados à construção da cultura como um processo de ordem material-simbólica em significativos desdobramentos na sociedade. (GARCIA

ISSN 3085-8291 v. 1 | n. 1 | 2025

Henrique Alckmin Prudente
Doutor em Ciências pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo.

CANCLINI, 1988).

Neste trabalho, destaca-se o contexto histórico e a importância do tropeirismo na região que compreende Guaratinguetá e Cunha, no estado de São Paulo, e Paraty, no estado do Rio de Janeiro; região que perfaz eixo turístico cultural, ecológico e religioso, além de outras tipologias turísticas, permitindo ligação entre o litoral Sul fluminense e o litoral Norte paulista com o médio Vale do Paraíba tecendo, portanto, conexão com o Circuito Turístico Religioso (SECRETARIA DE TURISMO, 2024) constituído pelos municípios: Aparecida (Estância Turística), Guaratinguetá (Estância Turística) e Cachoeira Paulista (Município de Interesse Turístico).

2. BREVES NOTAS SOBRE O TROPEIRISMO

O tropeirismo, uma prática ancestral de transporte de mercadorias e tropas por meio de trilhas e estradas, desempenhou um papel fundamental na formação e no desenvolvimento econômico e social do Brasil Colonial. O transporte por tropas no Brasil passa a ganhar importância a partir do Século XVIII como fator sintomático do deslocamento do eixo econômico do Nordeste para a região Sudeste, episódio nucleado pela exploração aurífera no Século XVIII e pela expansão cafeeira no Século XIX. O tropeirismo representava não apenas uma atividade comercial, mas também um elo vital na conexão entre diferentes regiões do Brasil e, em particular, do Vale do Paraíba. A região em foco desempenhou um papel crucial no contexto das tropas devido à localização estratégica entre o interior e o litoral, facilitando o comércio e o transporte de mercadorias entre essas áreas.

O Vale do Paraíba apresenta uma formação cultural, econômica, política e social fortemente vinculada com os caminhos em diferentes gêneses (Tabela 1): desde as trilhas primitivas utilizadas pelos grupos autóctones – povos indígenas, originários, primitivos ou silvícolas – até os caminhos vinculados com o comércio de produtos como ouro e café. Ademais esta região apresenta sólida densidade histórica a ponto de se revelar como território privilegiado para o desenvolvimento do transporte por tropas, principalmente devido à proximidade com a capital do Brasil, Rio de Janeiro, e com os portos de Mambucaba e Paraty, no Rio de Janeiro, e de Santos e de Ubatuba, em São Paulo. Neste trabalho, destaca-se o contexto histórico e a importância do tropeirismo na região que compreende Guaratinguetá e Cunha, no estado de São Paulo, e Paraty, no estado do Rio de Janeiro; região que perfaz eixo turístico cultural, ecológico e religioso, além de outras tipologias turísticas, permitindo ligação entre o litoral Sul fluminense e o litoral Norte paulista com o médio Vale do Paraíba tecendo, portanto, conexão com o Circuito Turístico Religioso (SECRETARIA DE TURISMO, 2024) constituído pelos municípios: Aparecida (Estância Turística), Guaratinguetá (Estância Turística) e Cachoeira Paulista (Município de Interesse Turístico).

O transporte por tropas consistiu na principal modalidade de circulação no Brasil até a conclusão da Estrada de Ferro D. Pedro II em 1877, com estação terminal em Cachoeira Paulista, conectando-se com a Estrada de Ferro do Norte, vinda de São Paulo, nesta outrora imponente estação atualmente em ruínas. A ferrovia, contudo, não consistiu em ruptura total com o transporte de tropas. O mesmo

ISSN 3085-8291 v. 1 | n. 1 | 2025

Henrique Alckmin Prudente
Doutor em Ciências pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo.

continuou existindo na região valeparaibana em regiões não servidas pelo trem.

No Século XX a contínua expansão ferroviária, até a década de 1960, e o rodoviarismo, impulsionado pelo motor à combustão, traduzem fatores determinantes para o acentuado declínio do transporte por tropas no Brasil e no Vale do Paraíba. A despeito da expansão dos modais ferroviário e rodoviário, o transporte por tropas consolidou as bases de atuais centros urbanos regionais, favorecendo o intercâmbio, embora precário, de produtos comercializados, principalmente gêneros agrícolas. A partir de antigas hospedarias, pousos e ranchos, povoados são edificados; vilas passam a ter autonomia política e administrativa e casarios passam a orbitar o núcleo social convergente por meio das capelas, marcos de processos de sacralização do espaço, símbolos de devoção religiosa e plataformas concretas de convívio social. Como vetores indispensáveis para a consolidação de relações de toda ordem, os caminhos, além de induzir ocupação e povoamento, relacionam-se com a construção de identidade cultural por meio do patrimônio material e imaterial vinculado com as estratégias de penetração, comunicação e transporte.

Tabela 1 – Síntese dos caminhos da região do eixo Paraty-Cunha-Guaratinguetá

Tipologia	Gênese	Patrimônio relacionado
Trilhas indígenas (utilizadas por portugueses a partir de meados do Século XVI) - Caminho dos Guaianás	Construídas por povos primitivos como forma de estabelecer vias de comunicação, permitindo câmbio e transporte de alimentos e utensílios	Vestígios dos caminhos Antigos objetos – instrumentos de caça, peças de cerâmica etc.
Caminhos de exploração, ocupação e povoamento (a partir do final do Século XVI até o Século XVII) - Caminho Geral do Sertão ou Estrada Real do Sertão	Finalidade de contribuir para conquista territorial, apresamento de índios e busca por riquezas minerais	Vestígios dos caminhos Capelas coloniais e casario urbano em formação
Comércio e transporte de mercadorias (a partir de meados do Século XVII até o final do Século XIX) - Caminho Velho do Ouro - Descaminhos de contrabando - Caminhos do Café	Transporte de mercadorias diversas e, sobretudo, ouro, demais riquezas minerais e café até os portos de Paraty e Mambucaba no litoral fluminense.	Vestígios dos caminhos Casario urbano em consolidação, vestígios e ruínas de casas de registros, capelas, ranchos e pousos

Fonte: Sistematização do autor.

REVISTA ACADÊMICA DA Faculdade Canção Nova

ISSN 3085-8291 v. 1 | n. 1 | 2025

Henrique Alckmin Prudente
Doutor em Ciências pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo.

3. IDENTIDADE CULTURAL E LUGARES DE MEMÓRIA

A identidade cultural é uma categoria de análise situada no campo das ciências sociais e humanas: atua diretamente com os atributos físico-territoriais em associação com elementos de ordem cultural e social. Os atributos físico-territoriais assumem lapidar importância dentro do conceito de lugar, categoria do pensamento geográfico que traduz instância espacial ímpar e única, associando-se com conquistas e inovações técnicas e científicas. Cada lugar é dotado de uma essência, construída a partir de referenciais históricos singulares que o diferenciam dos demais lugares existentes.

Dentro da dimensão cultural convém a professores-pesquisadores aproximarem os estudos e estratégias de ensino e aprendizagem das rugosidades presentes em cada lugar, construindo junto à comunidade local uma leitura especial que traz à tona o que caracteriza com caráter e nobreza os lugares: atributos paisagísticos, origens, patrimônio histórico-arquitetônico, além de elementos de ordem imaterial como: contos, devoções, festas populares, técnicas rudimentares, tradições ancestrais etc.

O *lugar de memória* é uma categoria historiográfica que transita pelo campo cultural tendo sido estabelecida por Pierre Nora (1993), notável pesquisador da escola francesa, para designar unidade de relevância construída coletivamente por uma dada sociedade e matizada pelo território, categoria geográfica que estabelece portentosa instância na qual são dadas relações culturais, econômicas, políticas e sociais com permanente vínculo jurídico e institucional. No Vale do Paraíba este conceito é trabalhado com altivez pelo historiador Francisco Sodero Toledo, em âmbito das atividades do IEV, Instituto de Estudos Valeparaibanos, no bojo de pesquisas acerca do patrimônio material e imaterial na região.

A sociedade contemporânea vem desconstruindo representativa identidade cultural enrijecida sobre o sustentáculo das experiências sociais que, ao longo da História, contribuíram para edificar legado de ordem material e imaterial. A perda de sentido, posto que a negligência e o comportamento relapso das autoridades vêm aniquilando sistematicamente rastros e vestígios do patrimônio histórico, caminha também para alienação de gerações de crianças e jovens que são facilmente seduzidas diante dos apelos do consumismo descabido, um dos expedientes da comunicação midiática e do globalismo. Os modismos são motivados por costumes amparados na modernidade urbana e que trazem abominação ao legado de origem do autêntico homem rural do Brasil: a ingenuidade, a rusticidade e o elo indissociável entre homem e natureza.

REVISTA ACADÊMICA DA Faculdade Canção Nova

ISSN 3085-8291 v. 1 | n. 1 | 2025

Henrique Alckmin Prudente
Doutor em Ciências pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo.

4. OS CAMINHOS COMO CONSTRUÇÕES DO TECIDO HISTÓRICO E SOCIAL

Os processos de ocupação e de uso do espaço implicam, necessariamente, na construção de vias de comunicação possibilitando a realização de fluxos para o transporte no sentido de viabilizar devida circulação de bens econômicos e de pessoas. No caso do Brasil Colonial, no litoral do Sudeste, os colonizadores portugueses utilizaram primeiramente trilhas rudimentares construídas por povos primitivos. Na região do eixo Paraty-Cunha-Guaratinguetá destacou-se a presença dos guaianazes ou guaianás[1] que habitavam terras litorâneas desde Angra dos Reis, Estado do Rio de Janeiro, até Cananéia, litoral Sul paulista[2].

Estes silvícolas haviam edificado, antes da chegada do europeu, caminho unindo a região planaltina onde foi constituído em fins do Século XVII o povoado do Facão, emancipando-se da Vila de Santo Antonio de Guaratinguetá em 1785 com a designação de Vila de Nossa Senhora da Conceição de Cunha, até o litoral Sul fluminense onde localiza-se Paraty.

O respectivo Caminho dos Guaianás foi utilizado por Martim Correia de Sá em 1596 por meio de expedição rumo aos sertões mineiros, sobrepondo as íngremes encostas da Serra do Mar e passando pela planície do Rio Paraíba do Sul, conforme os citados estudos de José Luiz Pasin (2004) e também conforme a significativa obra de João José de Oliveira Veloso (2010).

Segundo Pasin (2004) em 1601 o sertanista André de Leão, atendendo ordens imperiosas da Corte Lusitana, desenvolveu formidável entrada partindo da Vila de São Paulo de Piratininga até o Vale do Paraíba utilizando o conhecido Caminho Geral do Sertão. Tal vereda consistia no próprio curso do Rio Paraíba do Sul e em pequenos caminhos que seguiam a margem desta via fluvial. Trata-se de importante caminho para ocupação e povoamento.

O trajeto sentido interior saia da Vila de Nossa Senhora dos Remédios de Paraty, pelo Pouso da Aparição, passando pelo então povoado do Facão, (Cunha), atingindo importante divisor de águas entre as bacias do Paraitinga e Paraibuna e a bacia do Rio Paraíba do Sul, chegando à Vila de Taubaté. Este caminho percorria a região de Itacuruçá, antiga sesmaria e atual bairro rural do município de Cunha.

Com a fundação da Vila de São Francisco das Chagas de Taubaté, em 1645, e da Vila de Santo Antonio de Guaratinguetá, em 1651, dado contexto da Questão Monsanto-Vimieiro, é aberta importante vereda entre Guaratinguetá e Cunha, então povoado do Facão, quando ainda estas terras pertenciam à Vila de Guaratinguetá. Este caminho foi aberto graças a Domingos Velho Cabral que recebera relevante sesmaria na região sendo: *paulista, bandeirante e cunhado do Capitão Domingos Luiz Leme, fundador da Vila de Santo Antonio de Guaratinguetá, em 1651*. (PRUDENTE, 2006, p. 131).

Cabe assinalar que a entrada Paraty-Facão-Taubaté, sentido litoral para interior, é mais antiga em relação à vereda de Guaratinguetá a Cunha com sentido inverso: do interior para o litoral. Tal

1 Em relação a este grupo são encontradas em fontes diversas as seguintes grafias: gayonos, goanás, goianas, goyanás, goianazes, goyanazes, guaianã, guanás, guarazes, guayaná, guayanãs, guayanaz, guayanazes e wianasses.
2 Fonte: REIS, Paulo Pereira. O Indígena do Vale do Paraíba. São Paulo: Governo do Estado, 1979, p. 28. Col. Paulística, v. XVI.

REVISTA ACADÊMICA DA Faculdade Canção Nova

ISSN 3085-8291 v. 1 | n. 1 | 2025

Henrique Alckmin Prudente
Doutor em Ciências pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo.

Figura 1 – Martin Correia de Sá (autor desconhecido) protagonista da grande entrada para o sertão, em 1596, saindo do porto de Paraty acompanhado de portugueses e índios.
Fonte: Family Search. Disponível em: <ancestors.familysearch.org/en/LH2B-N7Q/martim-correia--de-s%C3%A1-da-costa-1572-1632>. Acesso em: 02 jun. 2024.

assertiva é corroborada pelos trabalhos de Álvaro Freitas (2005) e, mais tarde, comprovada pelos levantamentos de gabinete das pesquisas de Francisco Sodero Toledo e de Henrique Alckmin Prudente (PRUDENTE; SODERO TOLEDO, 2006) no bojo do estudo da Estrada Real no território paulista. Trabalhos de pesquisa do Prof. João Veloso (2010) também confirmam esta análise.

As pesquisas de Pasin (PASIN, 2004) assinalam que duas expedições ratificam o papel que o povoado do Facão, atual núcleo urbano de Cunha, realizava: a viagem do Conde de Azambuja, Dom Antonio Rolim de Moura, em 1751, e a jornada do Governador da Província de São Paulo, Martim Lopes Lobo de Saldanha, à Vila de Nossa Senhora dos Remédios de Paraty em 1775.

O povoado do Facão exercia, no contexto da exploração aurífera em Minas Gerais, cujo apogeu ocorreu entre 1735 e 1744[3] , importante função para o escoamento do produto até Paraty. Nas duas jornadas citadas merece destaque a região rural da Aparição, junto da atual estrada de rodagem SP-171, designada no trecho de Cunha até a divisa com Paraty de Rodovia Vice-Prefeito Salvador Pacetti. Na Aparição havia importante pouso de parada imperiosa para as tropas, tanto no sentido litoral-

3 Fonte: MELLO E SOUZA, Laura. **Desclassificados do Ouro**: A pobreza mineira do Século XVIII. Rio de Janeiro: Graal, 1990.

ISSN 3085-8291 v. 1 | n. 1 | 2025

Henrique Alckmin Prudente
Doutor em Ciências pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo.

interior como para as jornadas que vinham do interior até o porto de Paraty.

O então povoado do Facão foi desmembrado da Vila de Santo Antonio de Guaratinguetá, atingindo emancipação política em 1785 por determinação do Governador da Província de São Paulo, Francisco da Cunha Menezes. Concomitantemente a este movimento, muitos descaminhos de contrabando ligando regiões do Vale do Paraíba ao porto de Mambucaba, litoral fluminense, foram abertos. Neste contexto, a região de Campos de Cunha, distrito localizado a Leste da sede municipal, próximo dos domínios do Parque Nacional da Bocaina, consistiu em ponto de entroncamento entre inúmeros descaminhos que tinham como intuito sonegar os tributos à Coroa Portuguesa. Mais tarde, com o Império e com o advento da cultura cafeeira, a sobredita região operava dentro de formidável densidade de caminhos para transporte de café, produzido pelas fazendas do atual Vale Histórico, aos portos do Sul fluminense.

Com a decadência da economia mineradora em fins do Século XVIII e o início do surto cafeeiro nos primeiros quartéis do Século XIX são abertas novas veredas para o transporte do café. Estas ligavam fazendas produtoras até o litoral tendo em vista a importância que o Vale do Paraíba passa a ter neste processo.

Figura 2 – Tropeiros Pobres de São Paulo, de Jean-Baptiste Debret (1823).
Fonte: Instituto Cultural Itaú. Disponível em: <enciclopedia.itaucultural.org.br/obra61237/tropeiros-pobres-de-sao-paulo>. Acesso em: 31 mai. 2024.

REVISTA ACADÊMICA DA Faculdade Canção Nova

ISSN 3085-8291 v. 1 | n. 1 | 2025

Henrique Alckmin Prudente
Doutor em Ciências pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo.

Alguns elementos se destacam, complementando-se: fazendas auto-sustentáveis, fortalecimento de oligarquia agrária, monocultura, sociedade estamental e trabalho escravo; são aspectos que se interagem compondo importante cenário econômico, político e social.

Referência para estudos nesta área a obra *Vida e Morte do Tropeiro*, de autoria de Aluísio de Almeida, oferece uma visão detalhada e cativante da vida dos tropeiros de forma geral. A obra retrata os desafios enfrentados pelos tropeiros em suas jornadas pelas trilhas e estradas precárias, bem como as aventuras e perigos que enfrentavam ao transportar mercadorias e tropas entre o interior e o litoral. Aluísio de Almeida mergulha nas intrincadas redes sociais e econômicas que sustentavam o tropeirismo, destacando a importância desses homens corajosos e habilidosos na integração e no desenvolvimento das regiões por onde passavam. O autor também aborda as características únicas da cultura tropeira, incluindo crenças, costumes, músicas e festividades, que deixaram um legado duradouro na história e na identidade cultural das comunidades locais. Ao oferecer um olhar intimista e humano sobre a vida dos tropeiros, Aluísio de Almeida evidencia um mundo fascinante e muitas vezes desconhecido, revelando as histórias e os personagens que, em particular, moldaram o cenário cultural e econômico regional de Paraty, Cunha e Guaratinguetá.

Sobre os caminhos em operação em pleno Século XIX, diante da relevante produção cafeeira das fazendas valeparaibanas, Aluísio Almeida (1971) assinala que a importância das ligações entre o Vale do Paraíba e o litoral em ásperas veredas que permeavam íngremes e úmidas vertentes com vegetação exuberante, compacta e densa, oferecendo indizíveis percalços aos destemidos tropeiros:

> A estrada do Rio de Janeiro era também uma estrada do Mar. Atingia a província fluminense por Areias, Barreiros e Bananal. Tinha trânsito intenso. De Caçapava um caminho procurava o porto de S. Sebastião passando pelos rios Paraitinga e Paraibuna, Jambeiro, serra de Caraguatatuba, porto de S. Francisco. De Santo Antonio da Paraibuna saia outra, aproveitando duas léguas da precedente, a alcançar Ubatuba, 11 léguas e meia. Outra ligava S. Bento do Sapucaí a Ubatuba, passando por Pindamonhangaba e S. Luiz do Paraitinga, com ramais para Guaratinguetá e Embaú. De Bananal, em território fluminense, os tropeiros atingiam o mar por Jurumirim.
> Também o porto fluminense de Mambucaba se ligava a S. Paulo por duas estradas, uma que passava pela serra do Quebra-Cangalhas, Cachoeira, Embaú e atingia o alto da serra de Itajubá, com ramais para Queluz e Silveiras e outra que chegava ao Salto e ponte do Paraíba entre Queluz e Rezende. (ALMEIDA, 1971, p. 34).

Almeida qualifica de estrada do Rio de Janeiro o Caminho Novo da Piedade, estudado por dois ilustres pesquisadores valeparaibanos – Francisco Sodero Toledo (2009) e Paulo Pereira dos Reis (1971) – que ligava Lorena, passando por unidades administrativas do Vale Histórico, até a Fazenda Santa Cruz dos Padres Jesuítas.

A estrada referida por Almeida que partia do Porto de Mambucaba consistia em parte do Caminho Velho do Ouro, uma vez que singrava trechos da atual Serra do Quebra-Cangalha além de localidades estratégicas como o Embaú, povoado situado entre Lorena e a garganta de mesmo nome na Serra da Mantiqueira, pertencente ao município de Cachoeira Paulista.

REVISTA ACADÊMICA DA Faculdade Canção Nova

ISSN 3085-8291 v. 1 | n. 1 | 2025

Henrique Alckmin Prudente
Doutor em Ciências pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo.

5. BARREIRAS, POUSOS E RANCHOS

O minucioso trabalho de pesquisa de Veloso (2010) aponta, no atual município de Cunha, para localização de importantes lugares de memória relacionados ao movimento tropeiro. Pousos, ranchos e o Registro do Taboão que, posteriormente, no Século XIX, passa a se denominar Barreira do Taboão, são logradouros que exerciam função primordial na organização dos transportes de mercadorias (Tabela 2) e na circulação de animais de carga tanto no Brasil Colonial, Brasil Império e período republicano. Até o terceiro quartel do Século XX ainda era possível visualizar o movimento de tropas no trajeto entre Cunha e Guaratinguetá, passando pelos divisores Alto do Guaranjanga e Serra do Quebra-Cangalha. Os locais de partida ou de chegada eram o bairro da Pedreira, destacando-se o Rancho da Pedreira, em Guaratinguetá, e junto da atual Cooperativa de Laticínios de Cunha, possível entroncamento de caminhos junto à planície do Córrego do Rodeio, núcleo urbano cunhense.

Tabela 2 – Produção comercializada em ranchos do Eixo Paraty-Cunha-Guaratinguetá no Século XIX (considerando os principais produtos primários e derivados)

Produtos	Derivados	Animais e Rebanhos	Derivados
Açúcar	Melado e Rapadura	Bovino	Couro, leite, queijo e requeijão
Aguardente		Camarões secos	
Algodão		Caprino	Leite
Alho		Frangos	Ovos caipiras
Banana	Bananada	Ovino	Lã
Batata		Patos	
Café		Peixes salgados	
Cebola		Perus	
Feijão		Suíno (capados e leitoas)	Couro, banha, linguiça e toucinho
Fumo			
Goiaba	Goiabada		
Jabuticaba			
Mandioca	Farinha de Mandioca		

ISSN 3085-8291 v. 1 | n. 1 | 2025

Henrique Alckmin Prudente
Doutor em Ciências pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo.

Marmelo	Marmelada		
Milho	Farinha de Milho		
Pera			
Pêssego	Pessegada		
Pinhão			
Sal			

Fonte: Sistematização do autor.

Sobre o Rancho da Pedreira, de propriedade de Antônio Francisco de Castro e situado às margens do Ribeirão São Gonçalo, o Dr. José da Silva Lacaz (1998) assinala que:

> Os que vinham (tropeiros) de Cunha, Lagoinha e imediações, ou seja, Rocinha, Pessegueiro, enfim aqueles bairros situados do outro lado do Paraíba, as tropas vinham para o rancho chamado da Pedreira. [...] Cunha era o maior centro de abastecimento de toda a região, cereais principalmente e frangos caipiras... (LACAZ, 1998).

Os ranchos eram locais de comércio e de trocas. A função mercantil era preponderante nestes estabelecimentos o que incluía também o trato dos animais através do aluguel de pastos em terrenos próximos. Antigos tropeiros pesquisados pelo Autor, através de depoimentos no âmbito da História Oral, descrevem os ranchos como pontos comerciais em que eram vendidos inúmeros produtos alimentícios, tecidos, utensílios para trabalho em roças e também de utilização doméstica e muitos outros itens. Os ranchos também atendiam necessidades dos tropeiros quanto ao repouso e à alimentação, fato subsidiado pelas considerações de Lacaz (1998):

> Os próprios ranchos eram as pousadas dos tropeiros. Eles armavam as redes ou dormiam sobre as capas que cobrem as cargas e a cangalha. Outros faziam do travesseiro o próprio arreio. Eles chegavam e já armavam o tripé, assavam na panela de ferro e já começavam a fumegar carne seca no feijão enquanto eles estavam ali, tirando o arreamento, as cangalhas, vendo o animal de ferradura com ferimentos no lombo, outros com ferimentos nos pés. (LACAZ, 1998).

Ainda sobre o importante Rancho da Pedreira, Thereza Regina de Camargo Maia e Tom Maia (1995), pesquisadores com citação obrigatória em qualquer estudo sobre a história valeparaibana, assinalam que:

> Em decorrência do movimentado comércio com Lagoinha e Cunha, considerada como "o celeiro" de Guaratinguetá, muitos negociantes, principalmente de cereais, foram se estabelecendo na Pedreira, onde era intensa a atividade das tropas e tropeiros com sua carga, tendo ficado na memória da cidade o famoso Rancho da Pedreira, de Antônio Francisco de Castro, pai do Professor Roque de Castro. (MAIA; MAIA, 1995, p. 19).

REVISTA ACADÊMICA DA Faculdade Canção Nova

ISSN 3085-8291 v. 1 | n. 1 | 2025

Henrique Alckmin Prudente
Doutor em Ciências pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo.

O pesquisador Francisco Sodero Toledo (2004) enumera os seguintes ranchos em operação na primeira metade do Século XIX no trecho de Paraty, Cunha e Guaratinguetá. Os três primeiros estavam localizados no importante bairro da Pedreira, nucleado pelas atividades econômicas desenvolvidas junto ao Rancho da Pedreira, o principal destes estabelecimentos.

Ranchos localizados no bairro Pedreira em Guaratinguetá:

- Rancho do Mané Gama;
- Rancho do Mané Arruda;
- Rancho do José Romano;

Ranchos localizados na região da Serra do Quebra-Cangalha:

- Rancho do Paiol, localizado no início da subida da Serra do Quebra-Cangalha na região do atual bairro do Paiol, designado conforme sinalização viária indicativa vertical na SP-171, Rodovia Paulo Virgínio;
- Rancho do Brumado, situado na Serra do Quebra-Cangalha;
- Rancho do Alto da Serra, localizado imediatamente após o Rancho do Brumado na mesma região; provavelmente os dois ranchos em questão, do Brumado e do Alto da Serra, conectavam-se com os bairros rurais em direção a Oeste, sentido Lagoinha, configurando relação também com próspera fazenda de criação de rebanhos e de produtos alimentícios de João de Moura Lemes, no bairro do Cordeiro; é provável também que o Rancho do Alto da Serra, descrito pelo Prof. Francisco Sodero Toledo, seja o rancho dos irmãos José Pereira Gabriel e João Pereira Gabriel conforme pesquisa realizada por Luiz Antonio de Moura (1992);
- Rancho da Caneleira, situado na divisa dos municípios de Guaratinguetá e de Cunha; recorrendo-se novamente ao trabalho de Luiz Antonio de Moura (1992), é provável que o Rancho da Caneleira, designado por Sodero Toledo, seja o citado na monografia conforme segue:

> No traçado principal da estrada, a que ia em direção à Rocinha, estava situado o sítio do Sr. João Batista de Moura, mais conhecido como "João Gabriel", onde funcionava outro rancho de tropas e uma pequena "venda". Esse rancho atendia os tropeiros que vinham de Cunha e adjacências. (MOURA, 1992, p. 2).

Cabe ressaltar que a venda citada se tratava da famosa venda do Sr. Joaquim Faria, importante entreposto comercial onde se vendia toucinho, feijão e milho trazidos pelos tropeiros de Cunha.

Ranchos localizados no município de Cunha:

- Rancho do Jacuí; em domínios cunhenses é citado na obra de João Veloso (2010);
- Rancho do Chico do Sapé: localizado na cidade de Cunha;
- Rancho do Facão; também localizado na cidade de Cunha;

ISSN 3085-8291 v. 1 | n. 1 | 2025

Henrique Alckmin Prudente
Doutor em Ciências pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo.

- Rancho do Jacuí; em domínios cunhenses é citado na obra de João Veloso (2010);
- Rancho do Chico do Sapé: localizado na cidade de Cunha;
- Rancho do Facão; também localizado na cidade de Cunha;
- Rancho do Taboão; situado junto da Barreira do Taboão;
- Rancho do Mato Limpo; situado junto da divisa com Paraty;
- Rancho do Mané Greto;
- Ranchos localizados em Paraty às margens do caminho antigo:
- Rancho da Estiva Preta;
- Rancho da Penha; junto à Igreja da Penha;
- Rancho do Zé Lapero.

No sentido litoral, de Guaratinguetá a Cunha, seguia-se por traçado semelhante ao atual, pela rodovia SP-171, percorrendo-se o caminho de terra a partir do pé da Serra do Quebra-Cangalha, nas proximidades do Paiol, atingindo, a mais de mil metros de altitude, a região do Brumado. Os bairros da Rocinha, Cedro e Paraitinga eram transpostos até se atingir, após o bairro do Samambaia, o Alto do Guaranjanga. De Cunha até Paraty seguia-se, a partir do trecho próximo da Serra do Mar, por nova vereda construída para facilitar o transporte de gêneros agrícolas, suscitando preocupação das autoridades do Império do Brasil diante da tarefa imperiosa de manutenção das vias de comunicação e transporte. Neste contexto é aberta em 1835 a Estrada Nova da Serra[4] que partia da Fazenda Murycana, em Paraty, com extensão de oito quilômetros até as imediações da Pedra da Macela para se encontrar com o caminho antigo em terras paulistas.

4 Para mais informações consultar:
BARROS, Armando Martins. **A História como Curso, Povoamento como Percurso, Os Caminhos como Discurso**: Notas de Paraty e seu patrimônio. Paraty: Planejamento e patrimônio mundial: Paraty, 2001.

REVISTA ACADÊMICA DA Faculdade Canção Nova

ISSN 3085-8291 v. 1 | n. 1 | 2025

Henrique Alckmin Prudente
Doutor em Ciências pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo.

Figura 3 – Rancho de Tropeiros, de Charles Landseer (1827).
Fonte: Instituto Cultural Itaú. Disponível em: <enciclopedia.itaucultural.org.br/obra3257/rancho-de--tropeiros>. Acesso em: 01 jun. 2024.

Os pousos eram locais primordialmente utilizados para descanso e pernoite das tropas; era comum, na região do Vale do Paraíba, localização antes de escarpas de serras ou planaltos, sugerindo aos viajantes local para restauro após uma subida extenuante, ou antes de uma descida imprevisível. Geralmente os tropeiros se estabeleciam nestes locais para restabelecer as condições físicas, recompondo vigor e, imediatamente após o raiar do dia, alcançar novamente o caminho para prosseguir áspera jornada.

Os principais logradouros em Cunha citados na obra de João Veloso (2010) são pousos, ranchos e o Registro do Taboão que, mais tarde, passou a se denominar Barreira do Taboão.

Registro do Taboão (VELOSO, 2010)

Os registros eram estabelecimentos integrantes da estratégia Metropolitana de exercer no Século XVIII controle rigoroso da circulação de metais preciosos e de outras mercadorias que circulavam nos caminhos do interior do Brasil ao litoral; desta forma o Registro do Taboão de Cunha,

ISSN 3085-8291 v. 1 | n. 1 | 2025

Henrique Alckmin Prudente
Doutor em Ciências pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo.

distante aproximadamente 24 quilômetros de Paraty em bairro rural de mesmo nome, realizava imperiosa missão de controlar o trânsito das tropas para efetiva cobrança dos quintos reais destinados ao Tesouro Português.

Barreira do Taboão (VELOSO, 2010)

Instalada em 1835 tinha finalidade de cobrança de taxas de manutenção de estradas a fim de se evitar precariedade das condições de trânsito dos leitos carroçáveis; a Barreira do Taboão, instalada no mesmo local do antigo Registro do Taboão, exercia a função designada por meio do registro das mercadorias consistindo-se em uma das mais movimentadas da região, conforme assinala Veloso (2010):

> Dentre as Barreiras do Vale do Paraíba, a Barreira do Taboão de Cunha era uma das mais movimentadas. Isso se pode perceber pelo número de animais carregados que por ela circulavam, anualmente.
> Os itens principais, transportados, na sua grande maioria, eram gêneros alimentícios produzidos na região valeparaibana, segundo dados do Livro da Barreira do Taboão de Cunha, entre os anos de 1837 a 1849, foram os seguintes: Toucinho, Entrecosto (de suíno), Perna (idem), Língua (de bovinos), Cevados/Porcos, Reses, Galinha, Farinha de Mandioca, Pinhão, Canjica, Pêssego, Marmelo, Ameixa, Cebola, Alho, Café, Milho, Feijão, Amendoim e Fumos.
> Desde o início do funcionamento da Barreira do Taboão, em 1837, os principais produtos da região de Cunha foram milho, porcos, fumo e toucinho. (VELOSO, 2010, p. 221).

Figura 4 - Barreira do Taboão; outrora localizada no Caminho Velho do Ouro, estrada Cunha-Paraty, altura do km 65. Foto: Marcos Santilli, década de 1980.
Fonte: Jacuhy Net. Disponível em: <jacuhy.net/2022/09/11/cunha-no-ano-da-independencia-do--brasil>. Acesso em: 31 mai. 2024.

ISSN 3085-8291 v. 1 | n. 1 | 2025

Henrique Alckmin Prudente
Doutor em Ciências pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo.

Pouso da Aparição (VELOSO, 2010)

Local estratégico para as tropas em direção a Paraty ou em direção ao sertão, o Pouso da Aparição localizava-se, sentido litoral para interior, após o Registro do Taboão, passando pelo Campo Alegre e situando-se em região servida por cursos d'água e por planícies que favoreciam o guarnecimento das tropas e das mercadorias e o descanso com pernoite. Veloso retrata o Pouso de Aparição em diversas oportunidades na referência citada, cabendo ressaltar que:

> Assim que as tropas galgavam os íngremes e acidentados caminhos da serra de Paraty, prosseguiam até Taboão afora, até enveredar-se, à direita, pelas trilhas que conduziam até o Campo Alegre, de onde seguindo num espaço quase plano, atingiam logo abaixo o pouso da Aparição. (VELOSO, 2010, p. 175).

Pouso da Boa Vista (VELOSO, 2010)

Localizava-se após o Pouso da Aparição, próximo ao Morro do Divino Mestre, junto da antiga capela construída por Luiz da Silva Porto, em 1724, em louvor à Sagrada Família. Estava posicionado aproximadamente seis quilômetros do núcleo urbano de Cunha, antecedendo estratégico entroncamento de caminhos conhecido como Encruzilhada, de onde partia a estrada que passou a ligar, no Século XVII, Paraty a Taubaté.

Pouso do Paraitinga (VELOSO, 2010)

Assumiu importância capital no percurso de Cunha até Guaratinguetá; encontrava-se junto de curso d'água, o então caudaloso Rio Paraitinga formador do Rio Paraíba do Sul, servindo de ponto de descanso e também operando como rancho de tropas; o estabelecimento encontrava-se nas imediações da Capela de Nossa Senhora de Sant'Anna, fator que atribuía ainda mais importância ao local ao agregar o caráter religioso aos aspectos norteadores de circulação mercantil no âmbito das tropas para Veloso:

> Também conhecido, historicamente, como Sítio do Paraytinga ou da Piratininga, o local, junto com o pouso da Aparição são considerados os principais pontos estratégicos em que as tropas descansavam e pernoitavam no percurso entre Paraty-Facão-Guaratinguetá. (VELOSO, 2010, p. 59).

Os ranchos tinham como finalidade principal o comércio de mercadorias trazidas pelos tropeiros, funcionando como entreposto mercantil, de apoio ao tropeiro, além de se consistir em estabelecimento para reparo de instrumental da tropa, serviço realizado por mão-de-obra específica para cada finalidade. Thereza Regina de Camargo Maia e Tom Maia (1981) assinalam algumas funções de apoio ao transporte de tropa:

- Balaieiros: Também eram conhecidos como cesteiros ou jacazeiros; eram artesãos que utilizavam matérias-primas como bambu e taquara para produção de cestas e jacás, tipo de cesta utilizado nos animais de carga.

ISSN 3085-8291 v. 1 | n. 1 | 2025

Henrique Alckmin Prudente
Doutor em Ciências pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo.

- Cangalheiro: Cuidava da armação de madeira da cangalha além de preparar ganchos para transporte de lenha ou cana.
- Ferrador: Tratava da ferradura dos animais, executando difícil tarefa de trocar ferraduras antigas por novas, necessitando imobilizar um dos pés do animal.
- Ferreiro: Tinha incumbência de produzir a ferradura por meio da forja do ferro; a ferradura era utensílio imprescindível às tropas.
- Funileiro: Produzia utensílios como canecas, cincerros, lamparinas, tachos e outros objetos utilizados pelos tropeiros, geralmente feitos de ferro ou cobre.
- Trançador: Outra modalidade de artesão, assim como os balaieiros; contudo diferenciavam-se por trabalharem com couro confeccionando chicotes, laços, peitorais e rédeas.
- Seleiro: Cuidava do arreamento dos animais de sela e de carga através do manuseio da cangalha e de outros apetrechos; comumente o arreamento consistia em atividade complexa exigindo do seleiro extrema habilidade.

Além das categorias de mão de obra associadas à cadeia produtiva tropeira havia também, segundo os notáveis pesquisadores, divisão acerca dos homens envolvidos diretamente com a jornada, configurando três categorias distintas de tropeiros, porém, associadas:

- Arreador: Supervisionava as funções do madrinheiro e do tocador; com frequência era o proprietário da tropa; era responsável pela carga transportada e executava as funções de negócio, comprando mercadorias e pagando aluguéis de pastos nos ranchos, arcando também pelo pernoite nos pousos; era responsável pelo ferramental da tropa e pela execução dos curativos nos animais.
- Madrinheiro: Geralmente mais jovem, exercia função de guia e nos pousos atuava como cozinheiro; incumbia-se de guardar os mantimentos e de madrinhar a tropa.
- Tocador: Mais experiente, se responsabilizava pela tropa; monitorava a carga transportada e zelava pela condução do comboio na jornada.

No município de Cunha João Veloso (2010) demarca alguns ranchos como:

Rancho do Rio Jacuí (VELOSO, 2010)

Operava entre o núcleo urbano cunhense e o estratégico aglomerado do Paraitinga; a área de influência deste estabelecimento abrangia porções dos bairros rurais Jacuí, Samambaia, Sapezal e adjacências.

Rancho do Paraitinga (VELOSO, 2010)

A obra do Prof. João Veloso faz várias citações ao Rancho do Paraitinga; todas convergem para função capital deste estabelecimento, quer seja do ponto de vista histórico, dentro da dimensão de antigas expedições oficiais que passaram pela região, quer seja do ponto de vista logístico dentro da operação das tropas. Assim como descreve José da Silva Lacaz (1998), atestando em alguns casos a justaposição entre as funções de pouso e de entreposto mercantil em uma mesma edificação, o Rancho do Paraitinga, descrito em pormenores pelo pesquisador cunhense, acaba também por se caracterizar dentro deste aspecto:

ISSN 3085-8291 v. 1 | n. 1 | 2025

Henrique Alckmin Prudente
Doutor em Ciências pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo.

> Margeando o Paraitinga, rio acima, no seu lado direito afora, até atingir mais além o Posto ou Pouso do Paraitinga – rancho de tropas ou local de descanso –, já se formara pequeno núcleo de moradores, com a construção da Capela de Nossa Senhora Sant'Anna do Paraitinga, na década de 1730. (VELOSO, 2010, p. 110).

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A cultura tropeira, alicerçada em resquícios materiais e imateriais de toda ordem, juntamente com os próprios vestígios de caminhos, são atributos culturais que adquirem na contemporaneidade obstinado valor como recursos didáticos-pedagógicos para o estudo do meio, para o ensino de História e de outras disciplinas com especial ênfase para Artes, Geografia e Língua Portuguesa, além de potencial cenário para desenvolvimento de tipologias do Turismo. Este papel atua no sentido de sensibilizar alunos, gestores e professores das redes públicas municipais e estaduais e também da rede privada para apreensão consciente de tais atributos, além do próprio setor do Turismo através da gestão privada e pública, a ponto de contribuir para a preservação de tão imprescindível legado e para o desenvolvimento sustentável regional com ênfase na preservação do ambiente e do patrimônio cultural.

Pelos caminhos os tropeiros – agentes sociais fundamentais – transportavam não apenas mercadorias; consistiram em projetores de culturas, hábitos e tradições, desencadeando práticas cotidianas que construíram a identidade cultural do Vale do Paraíba e de regiões litorâneas.

Diversas unidades administrativas que integram atualmente a Região Metropolitana do Vale do Paraíba e do Litoral Norte, no estado de São Paulo, apresentam gênese neste movimento, desde os primórdios da ocupação pelo Caminho Geral do Sertão até a edificação de outras ligações terrestres como o trecho paulista do Caminho Velho do Ouro e o Caminho de Nossa Senhora da Piedade.

O Vale do Paraíba e, em especial, o eixo analisado, continua na atualidade a exercer função de região integradora do Brasil; uma região de passagem e de trânsito, com uma dimensão religiosa primorosa e um sentido de construção permanente da identidade cultural, do Turismo Regional e do sentimento de nacionalidade e de brasilidade.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Aluísio. **Vida e Morte do Tropeiro**. São Paulo: EDUSP, 1971.

BARREIRA DO TABOÃO. In: JACUHYNET. <jacuhy.net/2022/09/11/cunha-no-ano-da-independencia-do-brasil>. Acesso em: 31 mai. 2024.

CASTRO, Roque. **O Rancho da Pedreira**. Monografia. Arquivo Memória de Guaratinguetá.

ISSN 3085-8291 v. 1 | n. 1 | 2025

Henrique Alckmin Prudente
Doutor em Ciências pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo.

Guaratinguetá: Museu Frei Galvão, 1986, n. 70.

CIPRO, Edílio. **Rancho da Picuta**. Monografia. Arquivo Memória de Guaratinguetá. Guaratinguetá: Museu Frei Galvão, 1988, n. 81.

FAMILY SEARCH. Disponível em: <ancestors.familysearch.org/en/LH2B-N7Q/martim-correia-de-s%C3%A1-da-costa-1572-1632>. Acesso em: 02 jun. 2024.

FREITAS, Álvaro. **Domingos Velho Cabral e a Vila de Guaratinguetá**. Monografia. Arquivo Memória de Guaratinguetá. Guaratinguetá: Museu Frei Galvão, 2005, n. 253.

GARCIA CANCLINI, Nestor; RONCAGLIOLO, Rafael. **Cultura Transnacional y Cultura Popular**. Lima: IPAL, 1988.

LACAZ, José da Silva. Depoimento Oral. 06/07/1998. In: PRUDENTE, Henrique Alckmin. **A Evolução dos Meios de Transportes e a Transformação Urbana de Guaratinguetá-SP**. Trabalho de Graduação Individual – Departamento de Geografia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 1999.

MAIA, Thereza Regina de Camargo; MAIA, Tom. **Memórias do Comércio de Guaratinguetá**. Sindicato do Comércio Varejista de Guaratinguetá e Associação Comercial e Industrial de Guaratinguetá. Guaratinguetá: Edição dos Autores, 1995.

MAIA, Thereza Regina de Camargo; MAIA, Tom. **O Folclore das Tropas, Tropeiros e Cargueiros no Vale do Paraíba**. Rio de Janeiro: MEC-SEC: FUNARTE; Instituto Nacional do Folclore; São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura: Universidade de Taubaté, 1981.

MELLO E SOUZA, Laura. **Desclassificados do Ouro**: A pobreza mineira do Século XVIII. Rio de Janeiro: Graal, 1990.

MOURA, Luiz Antonio. **Os Ranchos de Tropas do Bairro do Brumado**. Monografia. Arquivo Memória de Guaratinguetá. Guaratinguetá: Museu Frei Galvão, 1992, n. 110.

NORA, Pierre. **Entre Memórias e História**: A problemática dos lugares. In: Projeto História. São Paulo: PUC-SP n. 10, 1993.

PASIN, José Luiz. **Vale do Paraíba – A Estrada Real**: Caminhos & roteiros. Aparecida: Edição do Autor, 2004.

ISSN 3085-8291 v. 1 | n. 1 | 2025

Henrique Alckmin Prudente
Doutor em Ciências pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo.

PASIN, José Luiz. **Algumas Notas para a História do Vale do Paraíba** – Desbravamento e povoamento. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura-Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia, 1977, p. 34-24.

PRUDENTE, Henrique Alckmin (org.) **Memória Tropeira** – Um projeto pedagógico na rede escolar de Cunha. Guaratinguetá: Expedições, 2013.

PRUDENTE, Henrique Alckmin. **Bandeiras, Comidas & Folias**. A festa do Divino Espírito Santo e a festa do pinhão em Cunha. Taubaté: Casa Cultura, 2011.

PRUDENTE, Henrique Alckmin. **Estrada Real**: Apontamentos & paisagens – Travessias no tempo & no espaço. In: SANCHES, Fabio de Oliveira; TOLEDO, Francisco Sodero; PRUDENTE, Henrique Alckmin. Estrada Real: O caminho do ouro. Lorena: Edição dos Autores, 2006.

RANCHO de Tropeiros. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2024. Disponível em: <enciclopedia.itaucultural.org.br/obra3257/rancho-de-tropeiros>. Acesso em: 01 jun. 2024.

REIS, Paulo Pereira dos. **O Indígena do Vale do Paraíba**. São Paulo: Governo do Estado, 1979. Col. Paulística, v. XVI.

REIS, Paulo Pereira dos. **O Caminho Novo da Freguesia da Piedade no Nordeste da Capitania de São Paulo**. São Paulo: Secretaria de Cultura, Esportes e Turismo, 1971.

SECRETARIA DE TURISMO E DE VIAGENS. Governo do Estado de São Paulo. Disponível em: <turismo.sp.gov.br/municipiosturisticos>. Acesso em: 29 mai. 2024.

TOLEDO, Francisco Sodero. **Estrada Real** – O Caminho Novo da Piedade. Campinas: Alinea, 2009.

TOLEDO, Francisco Sodero. **Estrada Real**. Relatório Parcial. UNISAL, Núcleo de Pesquisa Regional: Lorena, 2004.

TROPEIROS Pobres de São Paulo. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2024. Disponível em: <enciclopedia.itaucultural.org.br/obra61237/tropeiros-pobres-de-sao-paulo>. Acesso em: 31 mai. 2024.

VELOSO, João José de Oliveira. **A História de Cunha 1600-2010**. São Paulo: JAC Gráfica e Editora, 2010.